

---

## *Percalços de Jennifer(s): uma análise comparativa entre I spit on your Grave e Revenge*<sup>1</sup>

Larissa de Souza MARINHO<sup>2</sup>

Tiago MONTEIRO<sup>3</sup>

Instituto Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

O presente artigo busca discutir os efeitos de determinados contextos sociais de produção em obras audiovisuais que tematizam a questão do estupro e da vingança feminina. O artigo tem por foco a análise de dois objetos, *I spit on your Grave* (ou *A vingança de Jennifer*) e *Revenge* (*Vingança*), a partir de uma discussão das estruturas narrativas e dos elementos de linguagem que compõem as cenas-chave de ambos os títulos. Mediante essa perspectiva, será mostrado como um espaço de quase quatro décadas entre um filme e outro pode alterar significativamente não apenas a forma de contar uma história, como também os modos de representação e encenação e suas implicações discursivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema de horror; *rape & revenge*; feminismo; *I spit on your grave*; *Revenge*

### Considerações iniciais

Na análise de um filme, é necessário levar em consideração inúmeros fatores, mas algo bem importante é o contexto histórico de produção. Tendo isso em conta, pode-se formular inúmeras conclusões sobre o que foi visto; várias chaves de interpretação surgem, alterando a percepção do que é assistido.

Pretendo, através da descrição das cenas, analisar seus elementos e como os elementos discursivos estão presentes nelas. Essa ferramenta também é usada como uma forma de tornar o artigo mais “acessível” para um leitor que não tenha assistido aos filmes, visto que são de um nicho mais restrito de cinema de gênero, nesse caso, o horror.

Da mesma maneira, o movimento feminista se apresenta de inúmeras formas, Sendo ele muito variado em seu interior. Lutas como pelo direito ao voto e por igualdade

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ04 – Cinema, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Produção Cultural do Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ – Campus Nilópolis, email: [larih1307@gmail.com](mailto:larih1307@gmail.com)

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso de Produção Cultural do Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ - Campus Nilópolis, email: [tiago.monteiro@ifrj.edu.br](mailto:tiago.monteiro@ifrj.edu.br)

---

salarial são apenas o começo. O feminismo é comumente dividido em três ondas, cada uma com suas particularidades.

Em um primeiro momento, nos anos de 1920/1930, mulheres conhecidas como sufragistas lutaram em busca do direito ao voto e à vida pública. A segunda onda, a partir de 1960, é pautada pelos estudos de gênero feitos por escritoras da época, em obras como “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir e “A mística feminina” de Betty Friedan (ALOS, Anselmo; ANDRETA, Bárbara).

A terceira onda, que começa por volta dos anos 1990, é caracterizada por abarcar uma série de demandas. Se nessas primeiras ondas, o movimento teve um foco maior nas mulheres brancas, de classe média e heterossexuais, a partir da terceira, o panorama muda significativamente, com a adição de inúmeras reivindicações que buscam representar a diversidade.

Essas expansões são muito importantes para a compreensão do momento atual do movimento feminista e como, atualmente, o nome “feminismo” serve como um grande “guarda-chuva” que admite várias lutas e demandas das participantes. Ainda mais, o feminismo é feito de ondas meramente ilustrativas para demarcar teoricamente alguns marcos, porém, ele continua sendo algo em construção, sempre se transformando. Como por exemplo, pautas como o combate ao estupro, à pornografia e opressão de gênero são algumas das demandas atuais do movimento.

A partir dessas considerações iniciais, pretende-se discutir, neste artigo, os filmes *I spit on your grave* (1978), dirigido e roteirizado por Meir Zarchi e *Revenge* (2017), escrito e dirigido por Coralie Fargeat.

Os dois títulos contam a história de mulheres que, após serem abusadas, decidem se vingar de seus algozes. Eles serão comparados em relação a sua estrutura narrativa e ao modo como manifestam os contextos de sua época, sobretudo no que diz respeito a uma possível influência das ondas do feminismo (respectivamente, a segunda e a terceira ondas) nas obras.

### **Os filmes de *rape & revenge* e suas questões feministas**

Os *rape & revenge movies* (ou “filmes de estupro e vingança”, em tradução livre) constituem um subgênero do horror audiovisual que adquiriu visibilidade, sobretudo, da década de 1970 em diante, a partir da repercussão de obras como *Last house on the left* (Wes Craven, 1972), *I spit on your grave* (Meir Zarchi, 1978) e *Ms.45* (Abel Ferrara, 1980).

Nesses filmes, a estrutura básica é dividida em dois atos: um primeiro, no qual a vítima sofre um abuso por parte de um ou mais homens; e o segundo, em que a mesma se vinga de seus estupradores. Segundo Vitteo (2012), esses filmes costumam ter uma espécie de “ato intermediário”, caracterizado por uma mudança de perspectiva vivenciada pela personagem principal, de feminina para feminista. Nesse caso, a primeira perspectiva é sempre a de vítima e a segunda é de vingadora, buscando vingança contra seus abusadores.

Filmes de *rape & revenge* (ou *r&r*, daqui para frente) originam, ainda hoje, muitos debates teóricos. Heller-Nicholas (2011) sustenta que filmes de *r&r* suscitam uma série de debates ideológicos para serem explorados por áreas de investigação como gêneros narrativos, estudos de gênero e seus respectivos contextos culturais de produção e recepção.<sup>4</sup>

Pelo fato de levantarem tantas questões e controvérsias, filmes deste subgênero continuam sendo produzidos com regularidade e, até hoje, em relação a filmes como *I spit on your grave*, muito se discute sobre a misoginia ou o feminismo presente na história de Jennifer Hills. Nesse sentido, Jamie Bernadette, que participou da equipe do filme, afirma que “algumas pessoas sentem que *I spit on your grave* é um filme misógino e outros que é filme feminista. Eu penso que, é claro, há misoginia no filme, porém, eu vejo como um filme feminista”<sup>5</sup>. (tradução livre) (apud FARROW, 2017).

*I spit on your grave* (*ISOYG*, daqui para frente) ou *A vingança de Jennifer* na versão brasileira, foi lançado em 1978. Dirigido por Meir Zarchi, o filme conta a história de Jennifer Hills (Camille Keaton), uma escritora de Nova York, que se refugia em uma casa à beira do lago em busca de inspiração para seu novo livro.

Assim que chega na cidade, Jennifer chama a atenção de um grupo de quatro homens que se sentem instigados pela presença de uma “mulher da cidade grande”, independente e forte, além de fisicamente atraente. Um desses homens, Mathew (Richard Pace), é a chacota do grupo; por ser virgem, ele é a representação do estereótipo de personagem *nerd*, que se apaixona fácil após receber alguma atenção de uma mulher. A imagem de cidade grande para o grupo também é carregada de ambiguidades e de motivos

---

<sup>4</sup> No original: “ (...) the rape-revenge film allows a broad range of ideological debates to be explored through areas such as gender, genre and the cultural context”

---

para pensar que lá há muito sexo, festas e liberdade, justamente o oposto da concepção que eles têm do local onde moram, que seria um lugar muito parado, calmo e chato.

Stanley (Anthony Nichols) e Andy (Gunter Kleemann), que também integram o grupo, começam a rondar a casa de veraneio de Jennifer, de início em um barco, olhando lascivamente para a moça e, mais tarde, após armarem um plano para Matthew perder a virgindade, eles montam uma armadilha para ela.

Além da motivação de fazer com que Matthew “vire homem”, há ainda o confronto entre cidade grande e interior; entre a inocência, representada pela figura do rapaz, e a luxúria, mostrada através da figura de Jennifer Hills, que culmina em um estupro grupal da moça. Na obra, o desenrolar da ação de violência se dá em, aproximadamente, 30 minutos de cenas gráficas dos quatro homens a estuprando, com pequenos intervalos de tempo nos quais ela tenta fugir, para depois ser encurralada de novo. Essas “pequenas fugas” configuram o sadismo dos estupradores, e o modo com que essas imagens são capturadas, nas quais é possível acompanhar a personagem de longe, como se houvesse alguém à espreita, apenas intensifica o olhar de prazer advindo da dor da personagem.

Após esses momentos de trauma, Jennifer começa sua vingança contra Matthew, Johnny (Eron Tabor) e, por fim, contra Stanley e Andy, que decidem procurar seus amigos no entorno da casa. Em duas dessas quatro vinganças, ela se utiliza do corpo, anteriormente violentado, para atrair seus estupradores. E o segundo ato, assim como o primeiro, tem aproximadamente o mesmo tempo de duração, totalizando 94 minutos de projeção.

Produzido em 1978, ISOYG foi lançado comercialmente em um período de segunda onda do feminismo que, diferentemente do primeiro e mais pautado pelos estudos de gênero que iam surgindo paulatinamente, lutava pelas especificidades do corpo feminino, como o uso das pílulas anticoncepcionais, controle de natalidade, trabalho igualitário e opressões de gênero sofridas (SIQUEIRA, 2015).

Tais lutas tiveram início nos anos 1960, e possuem como marcos históricos a popularização da contracultura e do movimento hippie. Nessa época, muitas mulheres, que antes eram donas de casa, tiveram que sair para trabalhar, pelo fato da maioria dos

---

homens estar sendo enviada para a Guerra do Vietnã (1955-1975). Nesse período, elas foram conquistando sua autonomia e continuaram lutando para mantê-la, mesmo após a volta dos soldados.

Ainda nesse momento, o movimento hippie angariava admiradores ao redor do mundo, e as mulheres, que participaram deste período de efervescência, lutavam especialmente por sua liberdade sexual, de serem quem quisessem ser, sem o controle do patriarcado. ISOYG ilustra o que foi falado, por mostrar uma escritora independente e sexualmente livre, que fala abertamente sobre sua sexualidade e não tem problemas com o corpo. Hills, ao não se encaixar nos padrões patriarcais e hegemônicos de uma época na qual a presença de um homem, quase sempre um marido, era importante para a proteção da mulher, acaba se tornando um ser vulnerável em relação à qual aquele grupo pode exercer seu poder.

Na obra em questão, isso se materializa quando, na segunda parte de sua vingança, Jennifer ouve de seu algoz um discurso de culpabilização da vítima, onde, nesse caso, a própria Jennifer teria “provocado demais” esses homens, e a consequência disso teria sido seu estupro. Esse tipo de discurso já era combatido na época, por intermédio de mulheres como Susan Brownmiller, escritora de *“Against Our Will-Men, Women and Rape”*, importante livro lançado em 1975 que elucida muitas questões a respeito do estupro e do assédio sexual.

Em 1978, ano de lançamento de ISOYG, essas pautas continuavam sendo discutidas. Em muitos artigos e, também, em uma entrevista concedida para a revista SCREAM! em 2017 a propósito de um projeto de refilmagem da obra original, pesquisadores, produção e direção discutem o filme através de um prisma feminista. Como aponta Maria Olsen, integrante da equipe do filme original, “[ISOYG] não degrada ou explora as mulheres, ele mostra como elas podem se empoderar e lutar depois de terem sido quase destruídas”<sup>6</sup>(apud FARROW, 2017).

O segundo filme abordado por este artigo, *Revenge* (2017), produzido e escrito por Coralie Fargeat, conta a história de Jennifer (Matilda Lutz), uma mulher que vive um romance secreto com um homem rico, Richard (Kevin Janssens), que a convida para passar um final de semana em sua casa no meio do deserto onde, todo ano, ele e mais

---

<sup>6</sup> No original: “[ISOYG] doesn’t degrade or exploit women, it shows how they can empower themselves and strike back after they’ve almost been destroyed”

---

dois amigos, Stanley (Vincent Colombe) e Dimitri (Guillaume Bouchède), organizam uma caçada.

Entretanto, os dois amigos chegam um dia antes do previsto, deixando Richard incomodado, já que ele gostaria de manter a amante em segredo. Mesmo desapontado, Richard aproveita a noite para conversar e beber, quando, ao fundo, começa a tocar uma música e Jen inicia uma dança sensual para seu parceiro, chamando-o para acompanhá-la. Ele, por estar bebendo e preferir ficar admirando a cena, recusa. O amigo Stanley se aproveita disso e começa a dançar com ela, alimentando o voyeurismo dos outros.

No outro dia, quando Richard sai para resolver o problema de um dos amigos, Stanley entra no quarto de Jennifer, assiste à moça trocar de roupa e começa a fazer investidas não correspondidas em relação a ela. Afetado por essa não-correspondência, ele a pressiona contra a janela e a estupra. Durante metade da cena, é possível ver e ouvir o sofrimento da protagonista. Nesse meio tempo, Dimitri entra no quarto, assiste passivamente à situação e retorna para a piscina, fechando a porta, aumentando o volume da televisão e ignorando ativamente o fato. A outra metade da cena investe em uma perspectiva mais simbólica, pois somente o rosto distorcido da personagem é visto no canto da tela, enquanto ela é pressionada contra a janela.

Em *Revenge*, a cena do estupro dura, no máximo, 5 minutos e é enxergada, majoritariamente, do ponto de vista da personagem, de modo que o espectador sinta o quanto ela está ferida e amedrontada. Ao chegar, Richard percebe o que aconteceu a ela e é conivente com a situação, oferecendo dinheiro para que a moça “esqueça o que aconteceu”. Jennifer pede para ir embora e, ao ter seu pedido negado, foge em direção ao deserto. Ela é perseguida por Stanley, Dimitri e Richard, que a encurralam em um precipício. Richard tenta enganar Jennifer, prometendo deixá-la ir para casa; ela acredita no homem que, após a aproximação dela, a arremessa no abismo, indo ao encontro de um tronco de árvore quebrado que perfura seu corpo.

Os homens creem que ela está morta e vão embora, planejando depois tirar o corpo dela do local e o esconder. Jennifer, mesmo quase morta, usa sua inteligência para sair do tronco e começa a armar seu plano de vingança. Os três homens são mortos separadamente, com cenas muito gráficas.

Assim como no primeiro filme discutido, o nome da personagem principal é Jennifer e os homens servem de representação explícita do desejo de dominação do patriarcado, recorrendo ao estupro como uma forma de alcançar tal objetivo. Em certo

---

sentido, esses homens também exercitam o dispositivo do *male gaze*, que é um termo usado para definir como a indústria enxerga as mulheres através de um olhar masculino e sexualmente objetificador, o que se manifesta nas histórias contadas. Segundo Mulvey (apud. Miller, s/d) o *male gaze* pode ser visto consoante os papéis ativos e passivos que satisfazem o espectador, que, nesse caso em específico, seria um homem inserido na lógica social do patriarcado, e o espetáculo se referiria exclusivamente às mulheres na tela.

A despeito das semelhanças entre os filmes, contudo, *Revenge* se insere em um contexto de produção muito particular de terceira onda do feminismo, no qual se percebe uma multiplicidade de discursos no interior do movimento sem que, entretanto, nenhuma luta seja deixada de lado. Mulheres trans, negras e lésbicas, cada uma com suas demandas, têm espaço para discutir e conversar com outras vertentes do movimento (ALÓS, Anselmo; ANDRETA, Bárbara).

Na obra analisada, Jennifer fala sobre voltar para sua casa, mostrando para os homens que, em algum momento, ela poderia contar sobre o estupro que sofreu. E a possibilidade da denúncia e do escândalo midiático que seria para os três os assusta, aspecto que não é abordado por ISOYG.

No que diz respeito à indústria cinematográfica contemporânea, na qual *Revenge* está inserido, encontra-se em voga o movimento *#MeToo*, a partir do qual muitas mulheres estão denunciando assediadores e estupradores presentes no meio cinematográfico.

Atrizes como Angelina Jolie, Gwyneth Paltrow e Lena Headey fizeram denúncias contra o produtor Harvey Weinstein, o que levou muitas mulheres a se sentirem à vontade para compartilhar suas histórias (CATRACA LIVRE, 2018). Em premiações, elas têm aderido a manifestos contra a desigualdade salarial e assédios sexuais em seus discursos; nesta leva, mesmo homens que sofreram abusos morais e físicos por parte desses produtores e diretores que, em situações que foram presenciadas antes, nunca seriam denunciados, estão dando seus depoimentos.

Ainda sobre Hollywood, pesquisas apontam que mulheres tem se inserido cada vez mais nas produções cinematográficas, a exemplo da diretora de *Revenge*, ocupando cargos de direção, roteiro, produção executiva e, portanto, mudado a maneira como se representa o feminino nos filmes, que é uma pauta muito importante quando se relaciona o feminismo e os estudos de representação (WOMAN, 2017).



---

## Filmes R&R e o perfil das protagonistas

A estrutura dos filmes de *r&r* não é marcada pela fixidez, já que muitos deles exploram as diversas maneiras de se fazer filmes do gênero. Segundo Heller-Nicholas (2011),

O poder do cenário do rape & revenge no cálculo da intensidade da violência sexual (ou a ameaça dela) sustentam o filme como um todo. Isso não significa necessariamente que o estupro deve ser mostrado, e a centralidade e a intensidade não traduzem automaticamente a visibilidade (...) (tradução livre)<sup>7</sup>

A despeito de eventuais singularidades, o primeiro ato do estupro, nomeado de “ato intermediário” e o segundo ato, o da vingança, estão presentes em quase todos os filmes vinculados a este subgênero. Exemplos disso, além dos que já foram analisados no presente artigo, são *Ms. 45* e o contemporâneo *Bound to vengeance* (José Manuel Cravioto, 2015). No primeiro, os estupros acontecem em diferentes momentos, e a vingança não se dá apenas contra os abusadores, mas sim contra toda uma gama de homens, que são mortos quase aleatoriamente pela personagem principal. Já em *Bound to vengeance*, o filme deixa apenas implícito o estupro da personagem, sendo focado exclusivamente na vingança dela, além de envolver outros temas, como tráfico de mulheres.

Em *I spit on your grave*, essa estrutura narrativa se mostra mais ortodoxa, na medida em que o filme apresenta momentos bem marcados de estupro, recuperação e vingança. O abuso dura por volta de 30 minutos, assim como a vingança. A cena de estupro propriamente dita assume um caráter muito sádico e sensual do ponto de vista imagético, com muitas tomadas do corpo da atriz. O sadismo se dá, principalmente, pelo jogo de gato e rato que os homens que fazem mal à Jennifer praticam.

O estupro começa com o propósito de tirar a virgindade de Mathew, o garoto caipira, e termina pelas mãos dele. Nesse caso, ele serve, principalmente, para afirmar o poder masculino frente a uma mulher.

---

<sup>7</sup>No original: *The power of the rape-revenge scenario in the calculable intensity that sexual violence (or the threat of sexual violence) holds over the film as a whole. This does not necessarily mean the rape must be shown, and intensity and centrality do not automatically translate to visibility (...)*



Jennifer é abusada quatro vezes por seus estupradores, além de, anteriormente, já ter tido sua privacidade invadida quando dois membros do grupo vão olhar onde ela mora. Durante as cenas que se passam, essa mulher é também abusada psicologicamente, apenas para mostrar que eles têm o poder e podem fazer tudo o que quiserem.

A vingança também assume um quê de sexual, pois mostra Jennifer usando seu corpo em duas ocasiões para atrair os homens. Na primeira morte, quando Matthew vai na casa dela e a encontra com um robe branco; chamando a atenção para sua falta de roupas, Jennifer o conduz para mais perto, o beija, o deixa penetrá-la e, nesse meio tempo, ela coloca uma corda em seu pescoço, matando-o enforcado em uma árvore.



Fonte: *Frames* do filme *I spit on your grave* (Zarchi, 1978)

Da mesma forma, a segunda morte acontece na casa, depois da moça ter ido ao local de trabalho de Johnny (a pessoa que orquestrou o plano para estuprá-la) e o seduzir. No meio do caminho, ela aponta uma arma para ele e ordena para que tire a roupa. Ele, desesperado, começa seu discurso tentando convencer Jennifer de que os estupros foram culpa dela, já que a mesma “mostrava demais e os provocava”. A mulher finge acreditar e o convida para casa, onde oferece a ele um banho quente. Assim que ele está nu na banheira, Jennifer começa a masturbá-lo e, quando ele está perto do orgasmo, o castra, deixando-o no banheiro para morrer.

As últimas duas mortes se dão quando o restante do grupo vai procurar os outros de barco e enxergam a moça de longe, também em um barco. Stanley, com seu machado, e Andy tentam matá-la, porém, ela consegue pegar a arma. Nesse meio tempo, Stanley é jogado para fora do barco. Andy tenta salvá-lo, se jogando e nadando até ele, porém, Jennifer o acerta com o machado, causando a morte instantânea do mesmo. Stanley, desesperado, se apoia no motor do barco da moça e implora misericórdia, mas Jennifer acelera o barco, finalizando sua missão e assassinando o último de sua lista.

---

O aspecto que se pretende evidenciar mediante essa descrição foi o caráter misto de sensualidade e sadismo contra a mulher, inicialmente no momento da violência e, depois, em função de toda a objetificação de que a protagonista do filme é vítima. Nas sequências de estupro, mesmo ouvindo seus gritos, a perspectiva adotada pela câmera é a dos estupradores, enfatizando, principalmente, a reação dos homens diante da cena, com ângulos de câmera semelhantes aos de um *voyeur*. No que diz respeito à vingança, ela também parte do ponto de vista dos estupradores. Vemos, em metade das mortes, essa Jennifer mais provocativa sob a perspectiva do desejo deles e, juntos, nos sentimos capturados pela teia dessa mulher em busca de vingança.

Em *Revenge*, de 2017, a personagem é apresentada na função dramática de amante de Richard, o que já a configura como a Outra, a pessoa que deve se esconder e fazer parte de um fetiche. No começo, a imagem dela também é construída de maneira objetificada; por exemplo, na sequência em que os três amigos conversam, Jennifer coloca uma música e faz uma espécie de *lap dance* para seu parceiro enquanto chupa um pirulito, claramente usado aqui em uma conotação sexual. Vendo que ele não aceita dançar com ela, Jennifer dança lascivamente para (e com) Stan, despertando um desejo maior em todos os presentes, principalmente no companheiro de dança.

Nessa apresentação, a câmera parece adotar o ponto de vista dos três homens em relação a ela; o foco acompanha o olhar dos mesmos, mostrando Jennifer como o ser desejado, o objeto.

Antes da cena de estupro, vê-se Jennifer e Stanley tomando café da manhã em um clima aparentemente desconfortável. Após se retirar da mesa, a moça vai tomar banho e trocar de roupa. Stanley, percebendo que ela está sozinha com eles e pensando erroneamente que o episódio ocorrido durante a noite poderia se repetir, aparece no quarto dela, permanecendo sob batente da porta, vendo-a se despir e, por consequência, a assustando. A partir desse momento, o clima de não-consentimento criado pelo susto e posterior desconforto da personagem atinge um novo patamar, quando ele investe sobre ela e Jennifer foge da situação.

Stanley a pressiona fisicamente e psicologicamente, a estuprando logo em seguida. Ela consegue fugir, sendo perseguida e jogada de um precipício. A partir daí, as dores físicas e psicológicas de Jennifer são apresentadas de maneira muito visceral, através de alucinações

com um dos três amigos, manifestas em imagens que mostram a cauterização da ferida com uma lata de cerveja e sua dor ao andar.

Apesar de ainda muito ferida, Jennifer arma sua vingança. O primeiro a morrer é Dimitri, que foi conivente com o estupro e, aproveitando sua distração e o fato dele estar sozinho, ela a mata e pega todas as coisas que ele carregava.

Após fazer sua primeira vítima, a moça se abriga em uma caverna, e aproveita para se proteger e fazer algo em relação ao sangramento. Isto se dá mediante um processo de cauterização durante o qual ela, além de sentir muitas dores e desmaiar, ainda enxerga alucinações envolvendo os homens que a fizeram mal.

Ao acordar, Jennifer começa a procurar e encontra sua próxima vítima: Stanley. Com uma arma encontrada no carro de Dimitri, ela o persegue, troca tiros com ele e o executa, quase completando sua vingança.

Nas duas cenas já descritas, a personagem principal aparece com roupas íntimas, quase sempre sangrando e com dores. As tomadas que mostram a moça são focadas em seu rosto. A câmera captura sua agonia, mostrando seu corpo ao longe. O ambiente do deserto e da protagonista toda suja se assemelha a uma miragem. O caráter de vingadora que ela assume fica explícito pela sua postura e olhar. O brinco de estrela que a moça usa desde o começo, nesse momento, passa a representar aquela “velha Jennifer”, enquanto a arma na mão simboliza a “nova Jennifer”.



Fonte: *Frames* do filme *Revenge* (Fargeat ,2017)

Ao matar Stanley, seu esturador, a moça vai atrás de seu “assassino”, que a jogou do precipício. A cena que antecede a perseguição é bem significativa, pois mostra Richard tomando banho, a partir de uma perspectiva distanciada, assumindo um olhar *voyeur*. Nessa cena, ele é o objeto e está em perigo, lembrando, em partes, o começo do filme, antes de Jennifer ser estuprada.

Após sair do banho, seminu e ainda molhado, ele ouve um barulho, pega sua arma e sai do quarto. Ele encontra sua ex-amante viva e apontando uma arma para ele. Por um

---

momento, ele a observa de cima a baixo, vendo seus ferimentos. A partir daí, o frenesi começa, com direito a muito sangue, tanto de Jennifer quanto dele, culminando no assassinato do ex-companheiro e no descanso dela, finalmente vingada.

As vinganças da personagem, diferentemente do primeiro filme analisado, não assumem em nenhum momento um caráter sensual; a Jennifer de *Revenge*, mesmo aparecendo seminua durante quase todo o filme, não usa do corpo para atrair as pessoas que abusaram dela. A diretora recorre a elementos sexualizantes apenas com a função de caracterizar a Jennifer enquanto representação do estereótipo da “outra”, da amante, subvertendo essas representações no decurso do filme.

Diferente, também, de sua homônima em *ISOYG*, ela não se torna mais provocativa para se vingar, mas sim alguém que assume sua fragilidade, embora buscando dentro de si sua força.

### **Considerações finais**

Apesar da coincidência entre os nomes das personagens, buscou-se evidenciar, mediante uma perspectiva comparativa, que os contextos políticos e sociais de produção de ambas as obras afetaram a maneira de conduzir a história.

Em *I spit on your grave*, a partir de um contexto de construção de um feminismo pautado pela igualdade de direitos, liberdade sexual e pela luta anti-estupro, o resultado revela uma estrutura muito ortodoxa para padrões dos filmes de *r&r*, bem como um olhar sádico, voyeurístico e sensual tanto sobre o estupro quanto sobre a vingança, possivelmente traduzindo um sentimento reativo de insegurança e incerteza masculinas frente às conquistas do movimento feminista.

Em um contexto de terceira onda e, portanto, de uma maior diversidade de lutas, a conquista das mulheres em relação a cargos importantes na indústria audiovisual e o empoderamento manifesto em iniciativas como a do movimento #MeToo, protagonizado por inúmeras mulheres inseridas no sistema produtivo cinematográfico, viabiliza um resultado diferente. *Revenge* possui uma estrutura narrativa mais focada na vingança da personagem, na medida em que o abuso que Jennifer sofre e a imagem da protagonista seminua durante boa parte do filme são usados para mostrar sua agonia e sofrimento. E, na obra, questões como denúncia e escândalo midiático aparecem de maneira muito mais explícita.

---

Por fim, ambos os filmes se revelam essenciais para a compreensão de suas respectivas épocas de lançamento. E continuam a sê-lo nos dias atuais, fornecendo subsídios para discussões muito pertinentes acerca da importância dos filmes do gênero.

## Referências

BILSON, Anne. **How the ‘rape-revenge’ movie’ became a feminist weapon for the #MeToo generation.** 2018. Disponível em < <https://www.theguardian.com/film/2018/may/11/how-the-rape-revenge-movie-became-a-feminist-weapon-for-the-metoo-generation>> Acesso em 22 jun. 2018

CATRACA LIVRE. **Campanha global chamada #MeToo expõe assédio contra mulheres.** 2017. Disponível em < <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/campanha-global-chamada-de-metoo-expoe-assedio-contra-mulheres/>> Acesso em 22 jun. 2018

FARROW, Kevan. **A dish best served old...SCREAM.** N° 40. Páginas 24-28, Jan/fev 2017.

HELLER-NICHOLAS, Alexandra. **Rape and Revenge Films: A Critical Study.** Jefferson, NC, and London: McFarland, 2011.

MILLER, Gina. **Consequences of the “Male Gaze” and Sexual objectification.** S/D (S/D), 1-10.

SIQUEIRA, Camilla Karla Barbosa. **As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro.** XXIV Congresso Nacional do Copendi – UFMG/FUMEC/ Dom Helder Câmara. Florianópolis- Santa Catarina –SC, 2015.

VITEO, Kayley A. **Day of the Woman? : Feminism & Rape-Revenge Films.**2012. Electronic Thesis and Dissertation Repository. The University of Western Ontario.

WOMEN AND HOLLYWOOD. **Facts to Know About Women in Hollywood.** Disponível em < <https://womenandhollywood.com/resources/statistics/>> Acesso em 21 jun. 2018

ALOS, Anselmo Peres; ANDRETA, Bárbara Loureiro. **Crítica Literária Feminista: revisitando origens.** Fragmentum. Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 49, Jan./Jun. 2017. ISSN 2179-2194 (online); 1519-9894 (impresso).

Filmes assistidos:

Revenge. Dirigido por Coralie Fargeat. 2017. França, FRA: MES Productions, Monkey Pack Films, Charades, Nexus Factory e Umedia, 2017

I Spit on Your Grave. Dirigido por Meir Zarchi. 1978. Beverly Hills, CA: Anchor Bay Entertainment, 2011